

UMA TEOLOGIA DA PRIMEIRA EPISTOLA DE PEDRO

Por

Alexandre Samuel Lopes

INDICE

Introdução	2
A natureza da vida cristã	5
A responsabilidade do cristão na sociedade	11
A teologia do sofrimento	19
A cristologia	24
Conclusão	27

INTRODUÇÃO:

Na epístola temos a afirmação de que foi escrita por Pedro (1:1), caso tivesse circulado como uma carta anônima certamente teria chegado até nós alguma cópia; existe ao mesmo tempo uma forte e antiga confirmação acerca de Pedro ser o autor desta carta, sendo esta extremamente convincente, indicando também que o Apóstolo usou um amanuense ou secretário, Silvano (ou Silas, 5:12)¹.

A carta procede de Roma, designada como Babilônia² (5:13), sendo dirigida aos cristãos da Ásia Menor (1:1), sendo uma epístola circular. Estas igrejas compunham-se essencialmente de gentios, não sendo de excluir a presença de alguns judeus.

Quanto à data é necessário deduzir da situação que o documento deixa transparecer. Um primeiro aspecto é que o Evangelho já se espalhara por toda a Ásia Menor; um segundo aspecto é a situação dos cristãos, estavam sendo discriminados e não perseguidos, as provocações partem da sociedade e não do poder político³; no entanto tais acusações podem levar a um processo e causar sofrimento (4:15). Segundo Tácito (por volta do ano 100, Anais XV, 44): “Para abafar o boato, de ser ele próprio incendiário de Roma, Nero teve que achar outros culpados... e inculcou o crime àquelas pessoas odiadas por causa do seu procedimento escandaloso conhecidos como christianes entre o povo...

Dessa maneira foram presos em primeiro lugar os que confessavam (serem cristãos); depois uma incrível multidão que, com base em seus depoimentos, não foram acusados

¹ Para mais detalhes vide: SELWYN, Edward Gordon. The First Epistle of St. Peter, London, Macmillan & Co. Ltd. 1958. E CHAMPLIN, R. N. Novo Testamento Interpretado vol.6, São Paulo; Editora Vida Nova, 1994.

² PFEIFER, Charles F. e HARRISON, Everett. Comentário Bíblico Moody. (The Wycliff Commentary) 5v, v.5. Trad. Yolanda M. Krievin, 1ªed. São Paulo, Batista Regular, 1983, pg.342. diz, A aceitação deste ponto de vista durou até à reforma protestante, a rejeição desta posição advém da necessidade de combater a ideia de que Pedro foi o primeiro Papa, hoje voltou a ser universalmente aceite o uso simbólico de Babilônia como referência a Roma.

³ Ladd chama à atenção para as referências positivas ao Imperador, 2:13,17 (LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento, Rio de Janeiro, JUERP, 1985, Pg.549.

tanto de incendiários, mas de ódio ao género humano”⁴, conferir com 2:11,12;4:15,16. Segundo os historiadores a perseguição movida por Nero inicia-se em 64; o Imperador morreu no ano de 68 e Pedro, segundo a tradição sofreu martírio no reinado de Nero; devemos então situar a carta entre os anos de 64 a 67. Pedro afirma em 4:12 que a prova estava surgindo (conforme traduz a Nova Versão Internacional), ou seja aos olhos dos destinatários o conflito com a sociedade é algo novo e inédito.

É necessário perguntar qual a razão ou motivo que levou a sociedade a ter este comportamento para com os cristãos, para desta forma encontrar o tema da carta; a resposta é encontrada em 4:3s.

“ Fílostrato observa o seguinte a respeito dos judeus (Vita Apollonii II): «São mais estranhos que Susa e os hindus, pois não participam de nossa sociedade. Com pessoas estranhas não compartilham nem refeições, nem contratos, nem orações, nem ofertórios.» Em principio, os gentios toleravam esse distanciamento dos judeus, pois consideravam-no característica étnica. De acordo com Celso (Orig c Celso 5,34), é natural que grupo étnico preserve a religião e os costumes herdados, e tolere os demais. O que, porém, não se pode admitir é que um grupo reclame para si exclusividade, como fazem os judeus (orig c Cels 5,41). Ao que parece, aos olhos do mundo gentio os cristãos violavam esses conceitos básicos da filosofia helenista. Pecavam contra o principio da harmonia e convivência pacífica, principio esse que, de acordo com a filosofia do povo era ditado ao homem pela natureza. Era preciso, pois, provocar resistência e desconfiança, no dia-a-dia, quando não apenas membros do estranho povo judeu, mas compatriotas, conhecidos e parentes se distanciavam pessoalmente, como cristãos, do modo de vida de seu povo e insinuavam aquela mesma escandalosa ideia de exclusividade constatada entre os judeus”⁵

Um aspecto constante na epístola é o sofrimento do cristão, não é porém o tema central, mas o motivo de sua redacção; em 1:1 e 2:11 o autor dirige-se aos leitores não como perseguidos mas como “eleitos forasteiros na dispersão”, esta noção é presente ao longo da carta e toda a sua redacção enfatiza a vivência do cristão e seu testemunho perante essa sociedade sendo que tem uma componente missionária como se vê em 3:1 por exemplo; podemos concluir que a tese desta epístola é: *A responsabilidade dos cristãos*

⁴ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.401.

⁵ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.400.

na sociedade. Portanto Pedro considera os cristão como estrangeiros (1:1; 2:11) em relação à sociedade, no entanto eles não tinham que fugir deste mundo (2:12) pois aqui é o lugar aonde a fé é provada (1:6,7), isolando-se, mas deviam fazer parte da sociedade não deixando de se considera como forasteiros (não esquecendo, também, que aguardam ser reunidos na sua pátria) -2:11,12-, isto pressupõe o respeitar as autoridades instituídas (2:13), (sabendo que tem uma ética superior, este aspecto está implícito no texto), mas a responsabilidade não termina aí; bem pelo contrário, existe uma responsabilidade missionária (2:12;3:1); assente na vivência individual de cada cristão e na vivência colectiva da Igreja (1Pe.3:8), pois o intuito é que aqueles que acusam os cristãos possam converter-se ao Evangelho (1Pe.3:1). Assim sendo uma vivência correta, mesmo numa sociedade que repulsa os cristãos, tem uma ligação directa com o sofrimento de Jesus; pois também ele sofreu para trazer salvação (2:18 a 3:1). Esta tese, que é central à espistola divide-se em quatro aspectos distintos: A natureza da vida cristã na sociedade; A responsabilidade do cristão na sociedade; A teologia do sofrimento e a Cristologia. Devido ao número de paginas tratarei somente do primeiro aspecto, A NATUREZA DA VIDA CRISTÃ NA SOCIEDADE.

Sendo uma epistola essencialmente prática, pois seu intuito é o de fortalecer os crentes no meio do sofrimento e não dar definições doutrinárias; no entanto ela é doutrinária porquanto a vida cristã está baseada na Fé cristã.⁶

Nota interessante é o facto de que nenhum dos escritos do Novo Testamento associa tão intimamente o testemunho da Palavra com o testemunho da vivência dessa mesma Palavra, havendo um apelo missionário muito forte ao longo desta carta em contraste com discriminação a que os cristãos sofriam diante da sociedade.

⁶ SELWYN, Edward Gordon. The First Epistle of St. Peter, London, Macmillan & Co. Ltd. 1958, pg 64.

O intuito deste estudo é tão somente deixar que os textos falem por si de modo a construir uma teologia de modo indutivo, limitando meu estudo àquilo que Pedro apresenta em sua primeira carta, tendo em conta o seu contexto e mostrando a sua relevância para os dias actuais.

1. A NATUREZA DA VIDA CRISTÃ NA SOCIEDADE

A) Há que ter a noção do dualismo presente nesta epistola. No texto de abertura (1Pe.1:1) ressalta o plano horizontal da existência cristã; por outro lado existe uma tensão escatológica ao longo de toda a carta entre o presente e o futuro, não é meramente cronológica mas também soteriológica; porque Pedro apresenta um ante gozo que o crente já experimenta, mas aguarda a consumação; Horton⁷ afirma tal como Barth⁸ que a salvação de 1:9 é a consumação final, no entanto vislumbra-se já uma participação do que está reservado nos céus, um antegozo, mas não na sua plenitude. Outro aspecto a ter em conta é que a glória escatológica é inseparável do sofrimento de Cristo (1:11). No auge das exposições

⁷ HORTON, Stanley M. Sempre Prontos, Comentários Devocionais sobre as epistolas de Pedro, Rio de Janeiro, Edição CPAD, 1995, 1ª edição, pgs. 17,18.

⁸ BARTH, Gerhard. A primeira epistola de Pedro, 2ª edição; São Leopoldo; Editora Sinodal, 1979, pgs. 30, 31.

sobre a existência dos cristãos na sociedade encontramos referência ao caminho e obra de Jesus Cristo (1:18-21; 2:21-25; 3:18-22), segundo Goppelt: “ São evidentes duas associações: 1º- O sofrimento de morte de Cristo é um sofrimento pelos cristãos. 2º- É um sofrimento cujos os passos os cristãos devem seguir ou seja constitui-se um modelo ... Disso resulta o versículo 22s dessa maneira o sofrimento de Cristo transforma-se no arquimodelo determinante ao qual devem seguir no seu próprio sofrimento”⁹. Existe aqui (4:13) uma ligação forte ao caminhar de Jesus, aquele que foi humilhado, esse mesmo, foi exaltado; mais ainda, o sofrimento é presente a glória é subsequente e futura, assim acontece com o crente e também nós à semelhança de Cristo devemos suportar em vista da glória que em nós há de ser revelada. A alegria de poder participar ou partilhar dos sofrimentos de Cristo deverá produzir em nós alegria permanente, pois o verbo, *cairete*, encontra-se no presente indicando acção contínua, não é o sofrimento, mas pelo facto de sofrermos porque somos seus; a segunda vez que aparece o verbo regozijar (*agalliwmenoi*, part. prés. médio) devido ao tempo e modo em que está indica estar exuberantemente feliz afirma Rieneker¹⁰; Champlin a propósito deste tempo verbal afirma: “ A eternidade para o crente é a expansão contínua e infinita do vaso a fim de contendo o oceano em porções cada vez maiores. Jesus o Senhor irá sempre expandindo o espaço da sua habitação e à medida em que as paredes se alargam e o teto se elevar, começamos a compreender o que significa a

⁹ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.413.

¹⁰ RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlüssel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985, pg.566,567.

glória eterna.”¹¹ . No v.14 mantém-se o mesmo ponto de vista com uma pequena variação . É na perseguição que mais se evidencia a nossa filiação e posse do Espírito. É no contexto do sofrimento que a Glória é mais real; não significa que os cristãos só possuam o Espírito de Deus quando são perseguidos, mas que na perseguição se mostra a sua filiação a Deus, como também a sua posse do Espírito. Champlin diz: “Agora Deus desce sobre os discípulos dignos de Cristo tornando-os sua habitação e sobre eles derrama o resplendor da Sua glória. O fato que Deus vem habitar nos crentes tem o propósito de duplicar neles a natureza . Ora essa natureza é gloriosa, pelo que a glória eterna lhes é outorgada assim.”¹² !

B) Pedro define o cristão como uma pessoa que se encontra por pouco tempo num certo lugar como estrangeiro, ou como diz Reinecker pessoas com residência temporária que têm ligações profundas em outro lugar¹³. A palavra *parepidhmov* enfatiza tanto a nacionalidade estrangeira como a residência temporária. (1:1, surge ao lado de *diaspora*, só aparece aqui; em 2:11 e Hb.11:3, que indica que estão espalhados pelo mundo, mas que têm uma pátria celeste e a esperança de um dia ser reunido; em 2:11 surge ao lado de *paroikov* e tem como significado ser estrangeiro ou hospede, sendo que o termo tem a haver com a

¹¹ CHAMPLIN, R. N. Novo Testamento Interpretado vol.6, São Paulo; Editora Vida Nova, 1994, pg.159.

¹² CHAMPLIN, R. N. Novo Testamento Interpretado vol.6, São Paulo; Editora Vida Nova, 1994, pg. 159,160.

¹³ RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlussel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985, pg. 551.

transitoriedade do ser humano implicando que o cristão deve orientar sua vida para o fim escatológico. Pedro deixa também claro que isto não implica o fugir do mundo, pois este é o campo de actividade da Fé e Obediência; e é aqui que a sua nova existência deve ser comprovada. Mais um outro modelo que evidencia a transformação dos cristãos em forasteiros entre os próprios compatriotas. Pedro em 1:3 designa a experiência de salvação com o nascer de novo, segundo Riencker¹⁴ é um part. Aor. significa um novo começo, mediante um novo nascimento com a infusão da vida divina, sendo que o part. dá a razão pela qual Deus é bendito (o termo “anagennan” só é usado por Pedro e em dois textos 1:3; 2:3), com ideia de rompimento radical entre o passado e o presente, de um morrer, tal mudança é produzida pela acção directa da obra salvífica de Cristo. Agora esta novidade de vida está assente na ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, outro aspecto interessante é aquilo que segue o novo nascimento, esperava-se nova vida ao invés, encontramos “esperança viva” por causa disto é que o novo nascimento está assente na ressurreição de Cristo, pois é o fundamento da nossa esperança. Em 1:14 “tekna” – a pertença a algo ou então a determinação por algo, sendo que aqui é pela obediência e por isso são exortados a deixar o desejo mau “epiqumiai” (aqui é usado no sentido qualificativo de desejo mau ou concupiscência, enquanto em 1:12 é o desejo natural, no primeiro caso é um substantivo enquanto no segundo é um verbo¹⁵). Tais desejos são vícios dos pagãos nos quais os leitores

¹⁴ Ibidem, pg. 551.

¹⁵ Champlin afirma que em 1:12 tem um setido de desejar intensamente e em 1:14 de desejo mau tal como em Gl.5:17. CHAMPLIN, R. N. Novo Testamento Interpretado vol.6, São Paulo; Editora Vida Nova, 1994, pg. 102 e 104

estiveram entregues a eles antes de aceitarem Cristo, estes vícios são descritos em 4:2-4 (representativos e não uma lista pormenorizada), são consequência do viver afastado de Deus e por consequência viver na ignorância de Deus “agnoia”. O enfoque de Pedro nesta carta é acima de tudo a renúncia aos vícios pagãos encarando o pecado como a prática desses vícios, quase em exclusivo; no entanto não significa que o pecado restringe-se somente àqueles vícios, tal facto deve-se ao contexto da epistola, pois em 2:11 Pedro a questão em pauta é a conduta dos cristãos no mundo e ante os seus olhos e porque são estrangeiros, os nativos observam criticamente, este é o motivo pelo qual os cristãos devem abster-se de tais desejos; tal diferença causará impacto naqueles que os observam como podemos notar em 2:15. O que o autor salienta é o testemunho da vivência perante o mundo, isto é fundamental na perspectiva de Pedro. 1:14 *suschmatizomenoi*, part. Prés. Med. A voz média é directa e indica “não vos conformeis” ou pode ser permissiva “ não se deixem conformar ao”; o part. é usado para transmitir a ideia de mandamento, Champlin afirma que Pedro adverte contra a tendência de imitar o mundo, o qual é passageiro e ilusório, temporal e maligno; por outras palavras não sigamos o mau exemplo; antes sejam corajosos rejeitando o tipo de vida que eles gostraima de impor aos cristãos através de seu exemplo e influência¹⁶. Exorta-se à separação dos desejos de procedimentos antes da conversão (Pedro destaca “os desejos”). No v.15 “*agiov*” fala da forma do carácter de Deus cujos atributos perfeitos fazem que com Ele esteja separado de sua

¹⁶ CHAMPLIN, R. N. Novo Testamento Interpretado vol.6, São Paulo; Editora Vida Nova, 1994, pg. 104

criação. “anastrofh” a palavra é usada para denotar actividade pública ou a vida em relação aos outros, sendo santos e membros de sua comunidade que é santa deveriam mostrar essa santidade em todo o tipo de relacionamentos com os outros. A exigência de santidade é fundamentada pela santidade de Deus, “segundo o santo que vos chamou”, citação de Lv.19:2 da LXX. “Deus quer que sua essência se manifeste naquele que ele escolheu para sua propriedade.”¹⁷. A expressão “tornai-vos santos” poderia ser traduzida por “tornai-vos sagrados” com o sentido de ser separado para Deus como seu povo e para seu serviço. Outra forma de afirma esta mesma realidade (1:14s; 2:1,11s; 3:10s seguem a mesma ideia que a aqui está sendo tratada), encontra-se em 4:2,3, e por causa de *eiv to* aquilo que vem a seguir é uma oração subordinada adverbial de propósito, indicando que o tempo que resta vivam de acordo com a vontade de Deus, tem ligação com o versículo anterior; v.3, acentuando essa mesma admoestação; esse passado pecaminoso deve estar terminado de uma vez por todas para eles, demonstra que os leitores vieram do paganismo; o termo usado significa mais do que suficiente. No 4:3, Pedro usa o perfeito, três consecutivos, afim de indicar que o passado deles está encerrado; aquela parte da história que já terminou e foi esquecida. V.4 – Esta separação também se baseia no ódio que os cristãos suportam. As injúrias são tratadas aqui como blasfêmias ou seja quando difamam os crentes estão difamando a Deus. Estas blasfêmias têm origem no espanto que os pagãos sentem

¹⁷ BARTH, Gerhard. A primeira epistola de Pedro, 2ª edição; São Leopoldo; Editora Sinodal, 1979, pgs. 39.

quando vêm a nova vida dos cristãos. É uma reacção de ressentimento porque não se encaixa no seu padrão de vida. Segundo Goppelt:

“ Em consequência, a condição de forasteiro torna-se figura para a existência escatológica na qual os cristãos são colocados pela fé: Quem obedecer aos preceitos do Sermão da montanha e ao chamado ao discipulado, esse fica alheado ao dia-a-dia da sociedade e rompe o estilo de vida usual para uma nova forma de ser humano. O êxodo que se ordena aos cristãos é essa conversão, e não emigração da sociedade.”¹⁸

¹⁸ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.404.

2. A RESPONSABILIDADE DO CRISTÃO NA SOCIEDADE

A) A motivação

Goppelt diz:

“Ao contrário disso, os cristãos têm uma missão positiva dentro das instituições da sociedade, como acrescenta 2:12. Os cristãos devem testemunhar o Evangelho nas instituições da sociedade também mediante o seu comportamento, aquele Evangelho que quer salvar a todos os homens... Os cristãos, porém, devem imitar o Senhor –misturar-se com o povo e demonstrar na política, economia e matrimônio, inclusive por seu comportamento, que agora Deus quer conduzir a todos a uma existência humana íntegra. A responsabilidade sócio-ética, motivada pelo amor de Deus, se integra na comissão missionária.”¹⁹

Algo que Pedro deixa claro a partir de 2:13, é que tais regras indicam a necessidade de o cristianismo ambientar-se e instalar-se no mundo, isto apesar da sua mensagem escatológica. Se o v.15 tem a exortação para subordinar-se, o v.16 indica o porquê, sendo que este pensamento fundamental é: Silenciar o inimigo pela prática do bem. No v.16 a subordinação ao governo é a prova da sua liberdade cristã (pois já foram libertos dos vícios que os levavam a cometer crimes). Não é mencionado os limites da subordinação, tal limite é expresso porque os valores éticos do cristão não são estabelecidos pela sociedade ou governo, mas por Cristo o

¹⁹ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.404.

qual nos chamou para a liberdade e por isso somos sujeitos. Horton²⁰ diz como estrangeiros nossos direitos são limitados no que diz respeito a este mundo; enquanto cidadãos dos céus temos uma lealdade mais elevada e isto deve colidir com nossas responsabilidades perante as potestades terrenas. Podemos então concluir que Pedro deixa o motivo pelo qual o cristão não deve emigrar da sociedade (mas alhear-se do velho homem como está expresso em 2:11), a responsabilidade missionária do cristão perante o mundo!

B) O princípio que Pedro estabelece.

O que Pedro apresenta como exigência para o cristão não é um amor em geral, mas fazer o bem, o verbo *agaqopoieo* aparece quatro vezes em Pedro (2:15,20; 3:6,17), mas nenhuma vez em Paulo, por exemplo. Este “fazer o bem” não são boas obras do legalismo judaico, mas uma conduta justa em oposição à pecaminosidade pagã (4:2). No pensamento de Pedro, apresentado nesta epístola, este comportamento é um testemunho aos incrédulos que frustrará a sua hostilidade (2:15); possivelmente os ganhará para Cristo (3:1). Em 2:11,12 nós podemos observar o seguinte:

parepidhmov, esta palavra sugere um visitante fazendo uma breve estadia, devendo haver desprendimento; *apexesqai*, abster-se, manter-se afastado, o objecto do verbo está no genitivo indicando aquilo em a pessoa não deve ser indulgente. *Strateuontai*, prés. ind. activo, guerrear, o tempo verbal enfatiza a guerra contínua. Exortações gerais. A conduta agora

²⁰ HORTON, Stanley M. Sempre Prontos. Comentários Devocionais sobre as epístolas de Pedro, Rio de Janeiro, Edição CPAD, 1995, 1ª edição, pg. 13.

é diante dos olhos da sociedade, porque são estrangeiros são mais notados pelos “nativos”, ou seja exige mais cuidado a ter no viver diante deles! Esta é a razão pela qual devem absterem-se. Tais desejos estão em nós e lutam para que prevaleçam (Pedro introduz um novo dado, chama atenção que ao viver num mundo hostil à nossa fé, mas agradável a esses desejos esta é a realidade em que os cristãos vivem). Pedro lança um desafio tremendo apesar de os gentios acusarem de os crente serem criminosos, não retira a nossa responsabilidade, antes pelo contrário devemos fazer boas obras porque só dessa forma poderemos alcança-los para a salvação! *Epopteuontev*, no v.12, part. prés. Activo, indica a passagem de um longo período de tempo e inclui a memória do observador e sua reflexão sobre os fatos, o poder do testemunho de uma vida santa é posto aqui em evidência.

Podemos dizer para Pedro algo de fundamental importância é o testemunho do cristão através da sua vida; sua preocupação é que à medida que o sofrimento vai aumentando o cristão não desfaleça, mas pelo contrário sua vivência deve ser ainda mais nítida aos olhos daqueles que o perseguem.

C) Como se apresenta esse “fazer o bem”?

O termo chave é a sujeição (2:13-3:7), a ênfase não está no prefixo, mas no sufixo; assim sendo a ideia que contém é contra a emigração da sociedade, mas apela a uma adaptação do cristão às instituições existentes, como atrás foi referido. O que está em vista não são relações de escolha, como por

exemplo a amizade, mas estruturas da sociedade²¹. Vejamos em duas situações como esta realidade é expressa: No relacionamento entre os escravos e os seus senhores (2:18-25), é preciso ter a noção do contexto da sociedade daqueles dias antes de abordar a situação expressa. Horton²² informa que em algumas áreas do Império Romano cerca de 80% da população era escrava, alguns escravos conseguiam viver uma vida superior aos trabalhadores diaristas, alguns chegaram a ser mais ricos que seus senhores após a sua libertação; no entanto e apesar de todas as possibilidades de poder mudar a sua situação a fonte de desarmonia ou conflito não pode ter origem em alguma atitude do cristão, mas antes deveria ser uma fiel testemunha de Cristo, ainda que soframos por agir correctamente. Não deixaremos de receber galardão.

O tipo de escravo aqui mencionado é o doméstico, que tinha boa educação e encontravam-se em lugares de responsabilidade em casa de seus senhores (οικεθv). A exortação encontra-se em 18-20 e v.21 dá início a um hino escatológico.

O contexto: Possivelmente uma grande maioria da Igreja era constituída por escravos, sendo que na comunidade todos eram iguais, era necessário saber ocupar o lugar em cada ocasião. Tal subordinação não depende se os senhores são bons ou maus, mas a razão é o próprio Deus, o temor a Deus, é o espírito de reverência para com Ele que induz respeito e fidelidade ao dever na esfera das relações humanas. O v.19 continua, admite que o escravo pode ter razão, mas ainda assim por causa de Deus deve sujeitar-se e

²¹ Para um aprofundar da temática apresentada vide GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pgs. 404 a 410.

²² HORTON, Stanley M. Sempre Prontos. Comentários Devocionais sobre as epístolas de Pedro, Rio de Janeiro, Edição CPAD, 1995, 1ª edição, pg. 39,40.

suportar pacientemente, mas a mera resignação não é causa de orgulho (naqueles dias os escravos competiam entre si na habilidade de suportar o castigo infligido por seu senhor), mas mostrar verdadeira paciência face à injustiça sendo essa atitude a verdadeira evidência do carácter cristão. Este sofrimento possivelmente era consequência de ser cristão ou por causa da sua consciência o escravo recusa-se a fazer algo. V.20 – traz a explicação e o v.21 um paradigma, para isto fostes chamados para sofrer injustamente, somos chamados para sofrer por sermos cristãos, mas é a sua comunhão com Cristo (os versículos Seguintes falam deste sofrimento injusto), temos aqui a ideia do discipulado, “*upogrammov*”, significa modelo para copiar, mas o sacrifício de Cristo deve determinar a conduta, pois Cristo escolheu o sofrimento para trazer salvação e por isso o cristão deve suportar por amor Àquele que lhe concedeu tão grande graça. O grego indica, *eklhqhte*, aor. Ind. Passivo, a voz passiva indica que é Deus quem chama, ao chamar-nos das trevas para a sua maravilhosa luz; Ele também chama para o exercício dessa paciência perante o sofrimento que não merecem. Neste aspecto particular Cristo deu o exemplo.

Outro exemplo é no relacionamento familiar descrito em 3:1-7. Mais uma vez é ressaltado o servir cristão sob as condições desta ordem social. É pressuposto que a mulher viva casada com um incrédulo, são desafiadas a alcançarem seus maridos; a estratégia é o testemunho de vida, o termo grego denota conduta irrepreensível da esposa, (mais uma vez Pedro destaca a força e a importância deste aspecto). No v.3,4 uma segunda admoestação que enfatiza a pessoa interior unida ao inalterável espírito manso e tranquilo; o v.5 dá-nos o exemplo que preenche as duas exortações acima mencionadas.

O final do v.6 tem uma expressão difícil, talvez signifique que apesar de os maridos poderem tentar dissuadi-las da fé, devem permanecer firmes.

No v.7 e segundo Rienecker²³ a melhor tradução para *gnosiv* é compreensão, neste texto. Este termo encerra em si um factor de respeito e consideração, ou entendimento e tacto cristão; uma sensibilidade consciente à vontade de Deus. Pelo facto de serem mulheres, os vasos mais fracos, o homem deve conferir honras, pois elas estão em igualdade diante de Deus do ponto de vista escatológico; caso não observem tais recomendações, desprezam as mulheres, suas orações não serão ouvidas no Céu.

D) Na questão do relacionamento entre escravos e senhores Pedro introduz um elemento a *consciência* (2:19) para com Deus, esta não somente julga o passado, mas também decide o que deverá acontecer; ou seja é um juízo que se forma na consciência do homem prescrevendo-lhe o comportamento, afim de indicar qual a vontade de Deus em cada situação; diz respeito a critérios quanto ao conteúdo e não a motivos éticos gerais ou ideais²⁴. Volta a dizer, é o espírito de reverência para com Deus que induz respeito e fidelidade ao dever na esfera das relações humanas.

²³ RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlüssel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985, pg. 561.

²⁴ Para mais detalhes vide GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.408 e 9.

E) No entanto Pedro expressa nesta carta uma ideia muito forte do exercício do carisma, esta é também uma responsabilidade do cristão. Em 4:10,11 temos o seguinte: A expressão acima referida é a concretização e individuação da graça e do Espírito, assim sendo cada cristão recebeu a graça e portanto possui seu carisma e como resultado obriga-o a servir. Embora só seja mencionado o ensino e serviço podemos deduzir pelo contexto que a hospitalidade está contida também. O que Pedro destaca é que qualquer serviço cristão é carisma e não somente está limitado às operações extraordinárias. Mais uma vez Pedro põe em destaque a vivência prática da fé, se recebemos, isso tem de ser visível em termos práticos! Também esta atitude é obra da graça de Deus e portanto o louvor são para Ele, o cristão é o meio pelo qual a graça é manifeste e é administrador dessa graça, ao mesmo tempo. A perspectiva do fim de todas as coisas deve encorajá-los a serem bons administradores da graça divina. O termo é *oikonomov*, escravo que administra, aquele que distribui alimento e roupa pela família do seu Senhor. *Poikilov*, multiforme ou multifacetado, fala da amplitude da operação de Deus através do cristão. O v.11 *corhgei*, segundo Selwyn²⁵ a palavra veio simples a significar fornecer ou suprir com alguma coisa. Toda a actividade cristã deve ter como objectivo a glorificação a Deus (é reforçada esta ideia pelo uso do subjuntivo que indica propósito), para tal o exercício daquelas actividades não pode ser na força do cristão, mas na força do Senhor. Duas coisas há: a intensidade e a extensão do servir. O nosso serviço irá reflectir a abundância da graça de Deus em nós; em

²⁵ SELWYN, Edward Gordon. The First Epistle of St. Peter, London, Macmillan & Co. Ltd. 1958.

outras palavras poderíamos dizer que o seu viver e o seu pregar é a Palavra de Deus. Na doxologia o poder e a magnificência de Deus são reconhecidos e louvados! Poderíamos colocar esta área no primeiro ponto, no entanto parece-me melhor colocar aqui porque na carta o “fazer o bem”, não se prende somente à vivência, mas também ao uso da graça de Deus; ou aliás ambas as coisas cooperam!

F) Concluo este ponto destacando o seguinte, o conflito resulta do facto de os cristãos viverem de acordo com valores diferentes e por outros critérios daqueles que norteiam os pagãos. Assim sendo isto traz uma implicação para que o cristão possa dar testemunho de Cristo, tem de haver disposição para sofrer; daí Pedro passo a passo fundamenta a disposição para sofrer por causa do procedimento correcto.

3. A TEOLOGIA DO SOFRIMENTO

A mais importante ênfase no pensamento de Pedro acerca de Deus é a providência divina no sofrimento humano. Estes sofrimentos não são aflições comuns que o homem tem de suportar, mas que são chamados a suportar por serem cristãos (1:6), em 4:16 Pedro diz é que pelo simples fato de serem cristãos é o bastante para serem levados perante o tribunal e serem condenados, tal como alguém que seja assassino ou ladrão. O ser condenado como malfeitor traz má reputação diante da sociedade daí a exortação.

Os sofrimentos são descritos em 1:12; 2:12; 3:13; 4:4,14,15. Não deve ser considerado pelo cristão como coisa estranha, mas o normal para o cristão que vive no meio de uma sociedade perversa. O autor deixa claro que se elas acontecerem é segundo a vontade de Deus e porque é necessário; vejamos isto de um modo mais perto. Em 1:6, temos a expressão $\epsilon\iota\ \delta\epsilon\omicron\upsilon\upsilon$ = se necessário, ou seja conforme a vontade divina. Não podemos ligar a expressão ao destino (embora o termo aparece com esse sentido na literatura pagã helénica²⁶), mas sim à vontade de Deus o que significa que é da vontade de Deus (isto transmite segurança ao cristão no meio do sofrimento e aflição); a partir de 3:13 e até 4:6 existe desenvolvimento desta temática, no v.13 a ideia transmitida, a que faz mais sentido, existe ameaças de perseguição mas nem todos os cristãos serão encarcerados, vivem na expectativa de quando isso acontecerá a eles (talvez Pedro levante um pouco outro problema, porque Deus permite que um crente sofra e o outro não). Pedro estabelece um princípio geral aqui a fim de evitar que se crie no crente um complexo de perseguição. É um resumo rápido depois da citação do Salmo 34 e efectua uma rápida e fácil entrada para o novo tema; nos v.14,15 o discurso altera-se da mera

²⁶ Ibidem e também RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlüssel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985, pg. 552.

possibilidade (o verbo está no optativo e é usado numa oração condicional de quarta classe indicando que não há certeza quanto ao cumprimento da condição, seria “se, talvez”²⁷), para a possibilidade real; no v.16 Mais uma vez temos uma oração condicional de quarta classe no que toca ao sofrimento. Pedro tem a preocupação de não gerar um sentimento de martírio e um complexo de sofrimento.

Veremos entretanto a perspectiva apresentada por Pedro:

A) Sofrimento como juízo.

É descrito em 4:17, A ideia de julgamento a começar pela casa de Deus vem do V.T. – Jr.25:29; Ez.9:6; Am.3:2. Há aqui uma perspectiva escatológica, mas a ênfase recai nisto: se o julgamento atinge a Igreja o quanto não atingirá aqueles que não dão ouvidos ao evangelho²⁸ (citação da LXX de Pv.11:31). Deus é fiel para nos abençoar, mas é igualmente fiel para julgar-nos e disciplinar-nos, com vista não à destruição, mas para trazer-nos à glória, talvez o julgamento é o mencionado em 1:7.

Um segundo aspecto é a necessidade deste mesmo juízo/sofrimento, e de facto o cristão necessita desse juízo. Os versículos de 4:1,2 subentendem a necessidade do juízo, afim de o cristão não viver mais centrado em si mesmo, mas segundo a vontade de Deus; de que forma o sofrimento produz tal rompimento no cristão?

Em 1:7 fala do sentido das tentações e dos sofrimentos. Pois por meio deles sobressai a autenticidade da Fé, como consequência isso traz louvor e glória e

²⁷ RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlüssel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985, pg. 562

²⁸ BARTH, Gerhard. A primeira epistola de Pedro, 2ª edição; São Leopoldo; Editora Sinodal, 1979, pgs. 108, 109.

honra para o cristão no dia da vinda de Cristo. Champlin²⁹ sugere que a prova da nossa fé, refere-se ao teste para conferir a genuinidade da nossa fé, o teste mostrará se ela é pura ou é misturada com incredulidade; isto vem reforçado com a metáfora que ele usa a seguir a purificação do ouro (quanto mais quente for o fogo mais puro sairá o ouro); no entanto diz que a nossa fé é ainda mais preciosa, o ouro tem um valor relativo atribuído pelo homem, o que de um momento para outro pode ser alterado; agora a Fé essa, depois de testada e comprovada a sua genuinidade, pois ela é o elemento chave que permite-nos estarmos guardados para a salvação. Redundará em louvor, honra e glória para Deus, pois Deus transformará a tragédia em triunfo e seu filho será exaltado quando os filhos de Deus atingirem a imagem e a natureza dele ao tomarem posse da herança. Mais uma vez Pedro aponta a ocasião, a vinda de Jesus.

Outro texto que evidencia esta realidade é 4:12, *tourwsiv prov peirasmon* – o fogo que serve para comprovação, refere-se à perseguição (talvez aqui poderá haver ligação com 1:6,7, visto que esta seção poderá ser um pós escrito). Uma última citação neste âmbito encontra-se em 5:6-11, o v.6 está mais uma vez ligado a uma citação da LXX, Pv.3:34. A sujeição humilde ao juízo de Deus está ligado à exaltação por Deus. Não há graça de Deus sem aceitação de seu juízo, o crente não pode esperar auxílio e salvação se ele ao mesmo tempo não aceitar o sofrimento como juízo de Deus; se não der razão a Deus em seu agir. O v.7, se o homem entregar-se completamente nas mãos de Deus, ele também precisa deixar de se preocupar (tudo isto no contexto da perseguição, com espectro de perderem as suas vidas), pois Deus está

²⁹ CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento interpretado versículo por versículo vol.6, São Paulo, editora Candeia 10ª reimpressão 1998, pg. 98.

empenhado em favor de cada crente e não apático. Podemos deixar tudo aos seus cuidados. Significa isto que Deus conduzirá conforme Ele achar melhor para nós! Não é, portanto, a auto resignação ou auto-abandono; mas envolve a expressão da verdadeira auto-humilhação, a entrega positiva e confiante de si mesmo e dos problemas a Deus. No v.8 existe aqui um aditivo, o diabo, que tenta aproveitar a perseguição para derrubar o crente, a necessidade de ser sóbrio e vigilante é posta em destaque (à luz do grego o imperativo soa agudamente como um grito: Estejam alerta! Estejam atentos! Por outro lado a confiança em Deus não deve levar à preguiça, a batalha espiritual em que estamos envolvidos exige de nós vigilância absoluta, pois no v.9 é apresentado o único desejo que ele tem, é derrubar o crente; outro aspecto que é mencionado e que o diabo pode usar é levar a pensar que somos os únicos que sofremos (dai é tão importante vivermos como irmãos afim de compartilhar as nossas lutas e provas e as vitórias que Deus vai concedendo), no entanto é afirmado que todos os cristãos sofrem de igual modo e travam a mesma luta e isto deverá gerar neles força afim de resistir na fé porquanto assim estão estimulando uns aos outros e a servir de exemplo. Este permanecer é continuar a viver em obediência à vontade de Deus, tal como Jó). O v.10 acrescenta uma bênção, o aperfeiçoar, firmar e fortalecer é o resultado mediante a acção de Deus sobre eles em meio do sofrimento. Este tempo é de sofrimento, breve como é mencionado em 1:6, a força para persistir só pode ser dada por Deus daí o v.11.

B) Sofrimento como graça

Goppelt afirma: “O sofrimento por causa do bom procedimento não é apenas juízo, mas também, por paradoxal que possa parecer, graça. Fixar isso é um dos interesses principais da epístola.”³⁰; Ladd acrescenta “Somos lembrados das palavras de Jesus de que todo o homem que quisesse ser seu discípulo tinha de estar desejoso de assumir sua cruz (Mr.8:34). Isto significa um desejo de partilhar dos sofrimentos de Jesus, e mesmo de sua morte.”³¹. Existe de facto um relacionamento profundo com Cristo apesar de o cristão não ter visto como Pedro; ou seja a sua revelação a nós é tão concreta e real como daqueles que o conheceram, de tal ordem que leva a amá-Lo; levando inclusive a colocar inteiramente a nossa vida nas suas mãos, não somente aceitando Cristo e o que Ele fez por nós, afim de sermos transformados à sua imagem. Em resultado há uma alegria profunda (somos tomados de uma alegria profunda), que não se consegue exprimir por palavras; esta alegria tão exuberante está posta em contraste com o facto de serem contristados no vs.6; estamos também cheios de Glória, as perseguições não a fazem diminuir, mas aumenta, o que se manifestará quando participarmos da própria glorificação de Cristo. Cheia, indica a grandiosidade dessa glória que agora não pode ser aquilatada³². A temática em causa já foi mencionada ao longo deste trabalho e por isso pode ser novamente lida em nota de rodapé.³³

³⁰ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.411.

³¹ LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento, Rio de Janeiro, Juerp, 2ª edição 1986, pg.552

³² Para mais comentários ver CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento interpretado versículo por versículo vol.6, São Paulo, editora Candeia 10ª reimpressão 1998. E SELWYN, Edward Gordon. The First Epistle of St. Peter, London, Macmillan & Co. Ltd. 1958.

³³ Em 2:21 nós temos um paradigma, para isto fostes chamados para sofrer injustamente, somos chamados para sofrer por sermos cristãos, mas é a sua comunhão com Cristo (os versículos seguintes falam deste sofrimento injusto), temos aqui a ideia do discipulado, “upogrammōv”, significa modelo

4. A CRISTOLOGIA

Em três ocasiões distintas, mas sob a mesma temática, a existência dos cristãos na sociedade, a epistola registra formulações em forma de credo sobre o caminho e obra de Cristo, 1:18-21; 2:21-25 e 3:18-22.

A) O que estas passagens trazem para a temática abordada?

1:18-21, A ideia de salvação apresentada é do resgate sacral de escravos, em relação a outros textos que falam de resgate a diferença é que Pedro menciona o preço da compra. Tal resgate é de uma situação de escravidão “*douleia*”, de pecado (expresso na frase “fútil procedimento herdado dos pais”), tal escravidão para Pedro é expresso por atos (daí sua ênfase acerca dos resultados da libertação!). É importante estabelecer o limite desta analogia, pois o Novo Testamento o faz, usando somente para expressar a essência da dádiva da salvação como liberdade ante a escravidão anterior porque era um exemplo que

para copiar, mas o sacrifício de Cristo deve determinar a conduta, pois Cristo escolheu o sofrimento para trazer salvação e por isso o cristão deve suportar por amor àquele que lhe concedeu tão grande graça. O grego indica, *eklhqhte*, aor. Ind. Passivo, a passiva indica que é Deus quem chama, ao chamar-nos das trevas para a sua maravilhosa luz; Ele também chama para o exercício dessa paciência perante o sofrimento que não merecemos. Neste aspecto particular Cristo deu-nos o exemplo; em 4:13-14 temos também o mesmo pensamento, existe aqui uma ligação forte ao caminhar de Jesus, aquele que foi humilhado, esse mesmo, foi exaltado; mais ainda, o sofrimento é presente a glória é subsequente e futura, assim acontece com o cristão e também nós à semelhança de Cristo devemos suportar em vista da glória que em nós há de ser revelada. A alegria de poder participar ou partilhar dos sofrimentos de Cristo deverá produzir em nós alegria permanente, pois o verbo encontra-se no presente indicando ação contínua, não é o sofrimento, mas pelo facto de sofreremos porque somos seus; é a segunda vez que aparece o verbo regozijar (*agalliwmenoi*, part. prés. médio) devido ao tempo e modo em que está indica estar exuberantemente feliz, no v.14 mantém-se o mesmo ponto de vista com uma pequena variação. É na perseguição que mais se evidencia a nossa filiação e posse do Espírito. É no contexto do sofrimento que a Glória é mais real!

todos podiam entender. Pedro funde a ideia de resgate ao sacrificio judaico e o facto de não ter pecado e ser perfeito (Ex.12:5), aponta para os resultados e efeitos do seu sacrificio que é plenipotência! v.20 – Trata-se de uma declaração cristologica amplamente difundida pois aparece em várias partes do Novo Testamento e não só³⁴ (2Tm.1:9s.; Tt.1:2; Clem.14:2, etc.). Tal declaração não implica somente a eterna decisão de Deus em nos salvar através de Cristo, mas também a Sua preexistência. Tal evento veio agora a ser revelado. Aquilo que desde a eternidade existia, veio agora a ser conhecido; a expressão “ultimo tempo” é tempo quantificado, elevando-o sobre todos os tempos passados. Mais uma vez Pedro põe em destaque a excelência e o privilégio dos crentes para contrastar a aflição que irão suportar, tal excelência e privilégio é directamente proporcional à aflição que irão suportar. Goppelt resume a ideia da seguinte forma: “ A morte de Jesus foi resgate ou salvação escatológica que fundamentou o êxodo – a existência escatológica”³⁵.

2:21-25, é proposto o exemplo de Cristo como protótipo do nosso sofrimento por causa da justiça; pois o Justo sofreu por nós, assim sendo torna-se o nosso modelo a seguir no meio do sofrimento injusto e também a razão para o suportar.

3:18-22, A fundamentação para o cristão proceder desta forma. Seu alvo é o sofrimento exemplar de Cristo. Tudo o que Jesus sofreu por nós comprova a validade deste princípio; em 2º tem uma explicação alegórica do v.21, parecendo

³⁴ BARTH, Gerhard. A primeira epistola de Pedro, 2ª edição; São Leopoldo; Editora Sinodal, 1979, pgs. 43,44

³⁵ GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003, pg.413.

ligar o dilúvio ao batismo visando este não uma lavagem exterior, mas sim o pedido a Deus por uma boa consciência, segundo Rienecker³⁶ a salvação pelo batismo mencionada por Pedro é apenas simbólica e não real, conforme o próprio autor apressa-se a explicar, o batismo é a ocasião e o sinal da transição de um velho estilo de vida para um novo, ao assumir tal compromisso a pessoa dispõe-se a sofrer em prol da sua fé, isto indica que aquilo que Pedro tinha em mente ao usar a comparação não era o batismo em si mas o sofrimento. O v.22 é um fragmento de um hino ou credo e a citação deve-se ao final do v.21, acentuando aqui o supremo poder e reino de Jesus Cristo. Em 4:1 Volta às admoestações com relação ao sofrimento, a ideia que os cristãos devem reter é que Cristo não cometeu pecado em sua paixão, aqui volta a sobressair o exemplo de Cristo. Enfatiza a grandeza da vitória de Cristo. Ao ser assunto aos céus, Jesus teve não apenas a sua glória restaurada, como também foi investido da mais alta autoridade. 4:1 é lição que se pode retirar da passagem de 3:18-22, por causa do portanto, ουν .

O caminho de Jesus marcado pelo sofrimento e morte foi um caminho de bênção, o mesmo vale para os discípulos quando passam pelo sofrimento.

³⁶ RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlüssel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985, pgs. 563,564.

CONCLUSÃO:

ESCATOLOGIA

Aspecto fundamental no pensamento de Pedro. O termo não é *parousia*, mas *apokaluyiv*; mais ainda esta revelação da glória messiânica já está em Cristo e é esta mesma que será revelada aos crentes aquando da sua revelação. A importância da escatologia não é o fim em si mesmo mas a importância que ela tem na vida cristã tornando-se mais relevante no contexto em que a epistola está sendo escrita, capacitando-os a enfrentar a dura perseguição. Pedro propõe um contraste acentuado entre o mundo mau e hostil e o Céu, a rejeição do mundo está na rejeição do seu sistema e modo de vida e não como criação de Deus, no entanto mantém a sujeição às autoridades: Governo, Marido e aos senhores (dos escravos aos).

DEUS

Sua descrição é mais prática do que teórica, no entanto contém a matéria-prima para a teologia da trindade. Existe uma forte ênfase sobre a soberania de Deus e Sua transcendência.

SOFRIMENTO HUMANO

A ênfase principal no pensamento de Pedro acerca da providência de Deus é vista no sofrimento humano. Tais sofrimento é resultado do facto de serem crentes e aí está

seguindo o exemplo de Cristo 2:21, enfatizando a humildade a fim de seguirmos o seu exemplo 2:23. Conclui: Porque o sofrimento é segundo a vontade de Deus e apenas seguir o exemplo de Cristo a resposta cristã, esta não deve ser passiva mas de regozijo! Prova a validade e realidade da Fé cristã, tal sofrimento é prova inequívoca de mudança de vida.

CRISTOLOGIA

Aspecto fundamental, embora aparece esporadicamente. Não apresentando Cristo como “Filho”, no entanto na abertura coloca-o em pé de igualdade com o Pai, vê-O também como o Senhor. Mais uma vez sua preocupação é prática e não teológica. O Pai também é Senhor. A posição que Pedro designa a Cristo é uma posição que necessita da doutrina da encarnação para se estabelecer.

EXPIAÇÃO

A ênfase encontra-se nos efeitos, principalmente no seu significado libertador (pecados, velha vida 1:2, 19, 2:24; tem como aspecto central a mudança de Vida.

Mas existe uma outra ênfase é o facto de ter morrido uma única vez, 3:18, que significa que o evento histórico é poderosamente eficaz.

IGREJA

Conceito proeminente. Não usa a palavra *ekklhsia*, mas tem a Igreja como o verdadeiro Israel. Apresenta uma organização simples dirigida por anciãos aos quais exorta a apascentar o rebanho de Deus 5:2, em disciplina e doutrina, não se refere a eles como “bispos” pois tal titulo ele atribui a Cristo “ Pastor e Bispo, 2:25.

Existe uma referência ao batismo, afirmando que não é os elementos externos que produzem salvação, mas o valor do batismo assenta numa consciência purificada assente na ressurreição de Cristo.

VIDA CRISTÃ

Sofrer é a experiência normal do crente, porque o mundo é uma terra estranha para ele, este sofrimento tem de ser suportado com firmeza e paciência e até com regozijo pois ocorre debaixo da providência divina trazendo consigo bênçãos e fornece a certeza da partilha da glória futura de Cristo.

O bom comportamento, o fazer o bem, envolve uma conduta justa, é um testemunho aos incrédulos e frustrará a sua hostilidade e possivelmente os ganhará para Cristo; isto inclui todas as áreas da nossa vida, da mais privada (marido e mulher) até à parte mais visível enquanto trabalhador e cidadão do estado. Nesta vivência entre os irmãos é caracterizada pelo amor, ternura e compassividade.

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, Gerhard. A primeira epistola de Pedro, 2ª edição; São Leopoldo; Editora Sinodal, 1979.
- BELL, Albert. Explorando o Mundo do Novo Testamento, 1ª edição, Belo Horizonte, Editora Atos, Junho de 2001.
- BROWN, Colin. O novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento. (The New International Dictionary of New Testament Theology). Trad. Gordon Chown 1ªed. São Paulo, Vida Nova 1982.
- BROWN, David & FAUSSETT, Rev.A.R. Jamieson, Faussett & Brown Commentary N.T. da Master Christianity Library ;_version 1.0 Ages Software, Rio, WI, USA, 1997.
- CARSON, D.A.; MOO, Douglas J. e MORRIS, Leon. Introdução ao Novo Testamento. (Introduction to the New Testament). Trad. Márcio Loureiro Redondo, 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1997.
- CHAMPLIN, R.N. Novo Testamento Interpretado vol.6, São Paulo, Editora Candeia, 10º Reimpressão, 1998.
- CLARKE, Adam. Commentary the New Testament Vol.8 da Master Christianity Library;_Version 1.0 Ages Software, Rio, WI, USA, 1997.

DAVIDSON, Prof. F. O Novo Comentário da Bíblia. (The New Bible Commentary).

Trad. Russell P. Shedd, São Paulo, Vida Nova.

FRIBERG, Barbara e Timothy. O Novo Testamento Grego analítico.(Analytical Greek New Testament). Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 1ª Ed. São Paulo, 1987.

GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, Frederick W. Léxico do N.T. grego/português. (Shorter Lexicon of the Greek New Testament). Trad. Júlio P.T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1984.

GODBEY, Rev. W.B. COMMENTARY ON THE NEW TESTAMENT, VOL 2 HEBREWS – JUDE, da Master Christianity Library ;_version 1.0 Ages Software, Rio, WI, USA, 1997.

GOPPELT, Leonhard. Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Editora Teológica, 3ª edição 2003.

GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento. (A survey of the New Testament). Trad. João Marques Bentes. 3º ed. São Paulo, Vida Nova, 1996.

HENRY, Mathew. Comentário Bíblico de. (Comentário de la Bíblia Mathew Henry), Trad. Degmar Ribas Júnior, 1ªed. Cpad, 2002.

HORTON, Stanley M. Sempre Prontos, Comentários Devocionais sobre as epístolas de Pedro, Rio de Janeiro, Edição CPAD, 1995, 1º edição.

- LASOR, William Sanford. Gramática sintáctica do grego do Novo Testamento. (Hand Book of New Testament Greek). Trad. Rubens Paes, 2ªed. Vida Nova, 1998.
- MOUNCE, William D. The Analytical Lexicon to the Greek New Testament. 1ª ed. Zondervan Publishing House 1993.
- NICOLL, W. Robertson. The Expositor's Greek Testament volume III. 2ªEd. Eerdmans Printing Company, Grand Rapids, Michigan 1983.
- PFEIFER, Charles F. e HARRISON, Everett. Comentário Bíblico Moody. (The Wycliff Commentary) 5v, v.5. Trad. Yolanda M. Krievin, 1ªed. São Paulo, Batista Regular, 1983.
- REGA, Lourenço Stélio. Noções do Grego bíblico. 4ªed. São Paulo, Vida Nova, 1998.
- RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. Chave linguística do Novo Testamento Grego. (Sprachlicher schlüssel zum Griechischen Neuen Testament). Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabateiro. 1ªed. São Paulo, Vida Nova, 1985.
- SELWYN, Edward Gordon. The First Epistle of St. Peter. London, Macmillan & Co. Ltd. 1958.
- WALLACE, Daniel B. Greek Grammar beyond the basics, Grand Rapids, Zondervan, 1996.

www.netbible.com